



SONS QUE QUEBRAM MOLDES: A ESTÉTICA AFRO-QUEER COMO EPISTEMOLOGIA DA DESOBEDIÊNCIA

Eixo Temático *CORPOS QUEER QUE TRANSITAM NO/COM OS CURRÍCULOS*

Priscila Nunes Brazil¹
Maria Thaís de Oliveira Batista²
Belijane Marques Feitosa³

RESUMO

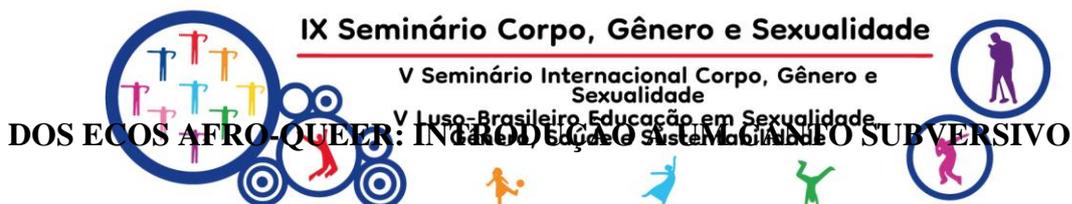
A poética afro-queer se manifesta como uma forma de resistência e contestação contra as normas que historicamente marginalizam corpos e identidades racializadas e queer. Este artigo investiga como artistas negras queer, através de diferentes expressões artísticas, subvertem normativas de gênero, sexualidade e raça. Ao analisar a música, a performance visual, a poesia e a palavra falada, o trabalho mapeia como essas artistas desafiam expectativas coloniais e heteronormativas, criando um espaço afro-queer que ressignifica identidades dissidentes. A arte afro-queer é apresentada como um campo essencial para a resistência, onde corpo e voz se tornam ferramentas para combater narrativas que buscam silenciar e invisibilizar. Performers como Linn da Quebrada e Jota Mombaça exemplificam essa luta, utilizando seus corpos como meio de transformação social e política. A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender como essas produções artísticas não apenas subvertem normas, mas também desafiam o racismo estrutural e a colonialidade. Ao focar em artistas como Mel Duarte e Bia Ferreira, o artigo destaca a importância da arte afro-queer como uma ferramenta de libertação e transformação, propondo um novo entendimento sobre a resistência e a construção de subjetividades plurais.

Palavras-chave: Linguagens; Afro-queer; Interseccionalidade.

¹ Doutoranda em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCG). Licenciada em Letras - Língua Portuguesa (UFCG). Integra o Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, Linguagem e Práticas Sociais (UFCG/CNPq) e o Grupo de pesquisa Linguagem, Interação e Cultura (GELInC/UFCG). E-mail: prinunesbra31@gmail.com.

² Doutoranda em Educação (PPGE/UFPE). Pedagoga (UFCG). Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas Religiosidades, Educação, Memórias e Sexualidades (CNPq/UFPE) e o Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, Linguagem e Práticas Sociais (GIEPELPS) (CNPq/UFCG). E-mail: professoramariathaisdeoliveira@gmail.com.

³ Doutora em Educação (PPGE/UFS). Professora da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG). Integra o Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, Linguagem e Práticas Sociais (GIEPELPS) (CNPq/UFCG) e o Grupo de estudos e pesquisas queer e outras epistemologias feministas (CONQUEER) (CNPq/UFS). E-mail: belimare.pb@gmail.com.



A poética afro-queer emerge como uma força de contestação e resistência, desafiando as normativas dominantes que têm historicamente marginalizado corpos e identidades racializadas e queer. O conceito de afro-queer não apenas converge as lutas pela visibilidade de corpos negros e não heteronormativos, mas também ressignifica essas identidades no campo das expressões artísticas. Ser afro-queer, nesse contexto, é subverter a invisibilidade imposta pela colonialidade e pelas estruturas patriarcais e heteronormativas, criando novas formas de ser, sentir e existir através da arte.

O objetivo deste artigo é investigar como artistas negras queer, atuantes em diferentes esferas da produção artística, subvertem normativas de gênero, sexualidade e raça através de suas criações. Ao analisar expressões que vão desde a música à performance visual, passando pela poesia marginal e pela palavra falada, buscamos mapear os modos pelos quais essas artistas confrontam as expectativas coloniais e heteronormativas, criando um espaço afro-queer que ressignifica corpos dissidentes e promove novas subjetividades.

A arte, especialmente em sua vertente afro-queer, surge como um campo crucial para a resistência, onde o corpo e a voz se tornam ferramentas de enfrentamento às narrativas que insistem em invisibilizar e silenciar. O nascimento do afro-queer no campo das expressões artísticas está profundamente enraizado nas lutas históricas contra o racismo e a homofobia, e é através de obras subversivas que essas artistas rompem com a lógica excludente, estabelecendo um novo território para a resistência decolonial.

Corpos dissidentes, que desafiam as normativas binárias de gênero e as estruturas racistas que atravessam a sociedade, encontram na arte afro-queer uma voz potente de resistência. A expressão artística afro-queer não apenas cria um espaço para o corpo racializado e queer existir, mas também o coloca no centro de uma narrativa que exige ser ouvida. Esses corpos não são passivos; ao contrário, são agentes de transformação que subvertem o discurso colonial e patriarcal ao reconfigurarem o que é considerado "normal" e "aceitável" dentro da sociedade.

Esse grito de dissidência é uma forma de arte política, onde a subversão acontece no próprio ato de existir e se expressar através do corpo. Performers como Linn da Quebrada e Jota Mombaça, por exemplo, utilizam seus corpos racializados e queer como ferramentas de resistência, desafiando as expectativas impostas por uma

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Raça e Sustentabilidade

sociedade que insiste em silêncio, gênero, raça e sustentabilidade. Performances transbordam de significados políticos, e a presença de seus corpos em cena é um ato subversivo em si, rompendo com as normatividades que regulam o corpo, a sexualidade e a identidade de pessoas negras e queer.

No campo da performance afro-queer, o corpo se torna território de disputa, onde as questões de gênero e raça se entrelaçam e se amplificam. O afro-queer, enquanto movimento artístico e político, permite que as vozes e os corpos dissidentes se tornem protagonistas de suas próprias narrativas, desafiando as fronteiras impostas pelo colonialismo e pelas normatividades ocidentais. Nesse sentido, a arte afro-queer se apresenta como uma poderosa ferramenta de expressão e resistência, sendo um campo de criação e desconstrução de identidades e subjetividades plurais.

A arte, nesse contexto, torna-se urgente. Ela é mais do que expressão estética; é uma forma de resistência que vai além dos discursos acadêmicos ou ativistas tradicionais, ocupando espaços antes negligenciados como legítimos campos de luta.

A relevância de investigar as expressões afro-queer artísticas, portanto, reside na necessidade de compreender como essas produções subvertem não apenas normas de gênero e sexualidade, mas também desconstróem o racismo estrutural e a colonialidade que atravessam corpos negros.

O espaço de resistência afro-queer não se limita a um discurso abstrato. Ele é vivido e experimentado nas performances, nas canções e nas poesias de artistas que fazem de seus corpos e de suas vozes ferramentas de mudança social. Ao analisar figuras como Linn da Quebrada, Bia Ferreira, Mel Duarte e Jota Mombaça, este artigo busca evidenciar como essas expressões não apenas resistem, mas também criam novos mundos possíveis, onde corpos afro-queer são valorizados em sua pluralidade e potência.

A arte afro-queer não só desconstrói narrativas opressivas, mas também constrói novas formas de ver, ouvir e sentir o mundo, abrindo espaço para subjetividades que insistem em existir, apesar das tentativas de apagamento.

A poética de subversão afro-queer, assim, não é apenas uma estética. Ela é uma política que confronta diretamente a colonialidade e a heteronormatividade, criando um território fértil para a reflexão e o enfrentamento. Desta forma, este artigo se propõe a não só mapear essas expressões, mas também a destacar a importância da arte como uma ferramenta de libertação, capaz de transformar as margens em centro, e os corpos



NAS ENTRELINHAS DA INTERSECCIONALIDADE AFRO-QUEER

A noção de afro-queer, que congrega identidades negras e queer, emerge como uma teia complexa que interage com as dinâmicas de raça, gênero e sexualidade. Esse conceito não é apenas uma simples intersecção; ele revela as tramas intrincadas que moldam as vivências de corpos racializados e não heteronormativos em contextos sociais e artísticos. Para compreender a profundidade dessa teia, é essencial considerar o conceito de interseccionalidade, formulado por Kimberlé Crenshaw, que traz à tona a ideia de que as experiências de opressão não podem ser compreendidas de maneira isolada, mas sim em suas interrelações.

Tecendo a Negritude Queer: o olhar de Crenshaw e Hill Collins

A interseccionalidade, conforme proposta por Crenshaw (1989), é uma lente crítica que permite analisar como diferentes formas de discriminação se sobrepõem e interagem. Crenshaw enfatiza que as experiências de mulheres negras são frequentemente invisibilizadas em debates que focam exclusivamente na raça ou no gênero.

Patrícia Hill Collins (2000) complementa essa visão ao discutir como a opressão racial, de gênero e sexualidade é interdependente, formando uma matriz de dominação que precisa ser desafiada. A partir dessas teorias, a negritude queer é tecida não apenas como uma identidade, mas como uma forma de resistência que ressignifica os corpos negros em contextos artísticos e culturais. Essas vozes e experiências não se limitam ao discurso acadêmico; elas se manifestam também nas artes.

A música, a dança e a performance tornam-se espaços de afirmação da identidade afro-queer, onde o corpo negro e queer é valorizado, questionando normas e estereótipos que tentam reduzir essas identidades a categorias limitadas. Em performances e obras artísticas, artistas como Linn da Quebrada e Mel Duarte utilizam suas vozes e corpos para expressar a riqueza da experiência afro-queer, promovendo uma leitura crítica das estruturas sociais que cercam gênero e raça. Assim, a teia afro-



Entre mundos: gênero, raça e arte

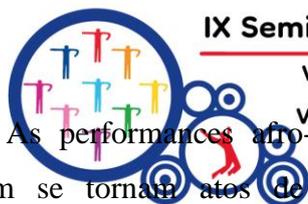
No contexto das expressões artísticas, a interseccionalidade revela-se como uma ferramenta essencial para compreender a complexidade das narrativas afro-queer. A arte é um espaço onde a construção de identidades e a afirmação de vozes marginalizadas se entrelaçam. O diálogo entre raça, gênero e sexualidade permite que artistas afro-queer criem novas narrativas que desafiam as normatividades impostas por estruturas sociais opressivas. Através da arte, essas vozes emergem, trazendo à tona questões profundas sobre pertencimento, resistência e visibilidade.

Artistas como Jota Mombaça utilizam sua arte visual para explorar as intersecções entre raça e gênero, desafiando normas de representação e criando um espaço onde as vozes afro-queer podem ser ouvidas. Suas obras não apenas refletem suas experiências pessoais, mas também articulam uma crítica ao sistema colonial e às expectativas heteronormativas que historicamente marginalizaram corpos não brancos e não heteronormativos.

Assim, a arte afro-queer se revela como um campo fértil para a construção de novas narrativas e formas de resistência, oferecendo uma visão multifacetada das experiências vividas por esses indivíduos.

As performances afro-queer emergem como uma prática artística que não apenas questiona normas culturais, mas também redefine o que significa existir em um corpo que é simultaneamente racializado e queer. Essa prática está enraizada na ideia de que o ato de performar não é apenas uma representação, mas uma forma de ativismo que desafia as limitações impostas por uma sociedade que insiste em categorizar e controlar.

Judith Butler, em suas obras sobre performatividade, argumenta que gênero e sexualidade são construções sociais que podem ser desafiadas e subvertidas por meio da ação e da performance. Para Butler, a repetição de atos performativos pode levar à desconstrução das normas sociais que definem o que é considerado "normal" ou "aceitável". Essa ideia é particularmente relevante no contexto da arte afro-queer, onde artistas utilizam suas performances como uma forma de resistência que reconfigura a percepção do corpo queer.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde da Sustentabilidade

As performances afro-queer, alinhadas à perspectiva de hooks, não apenas reivindicam espaço, mas também se tornam atos de resistência. Ao ocupar espaços públicos com suas performances, artistas como Linn da Quebrada desafiam a invisibilidade e o silenciamento, promovendo um ativismo que reivindica a existência e a dignidade de corpos queer e negros. Essa visibilidade não é apenas política, mas também profundamente pessoal, permitindo que essas artistas compartilhem suas histórias e experiências de maneira autêntica e impactante.

bell hooks (2018) traz uma reflexão crítica sobre a utilização da estética e da performance como formas de resistência e empoderamento. Em sua obra, ela argumenta que as artes visuais e performáticas têm o potencial de atuar como meios para a transformação social, proporcionando uma plataforma para que vozes marginalizadas possam ser ouvidas e novas narrativas possam ser construídas. A noção de "estéticas da margem" proposta por hooks sugere que essas expressões artísticas, longe de serem relegadas à periferia, podem assumir um papel central no discurso cultural, contribuindo significativamente para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

As performances afro-queer, alinhadas à perspectiva de hooks, não apenas reivindicam espaço, mas também criam uma nova estética que celebra a diversidade e a pluralidade das identidades. Por meio da arte, artistas afro-queer desafiam as representações estereotipadas e oferecem novas formas de ver e compreender as experiências de vida tanto de pessoas negras quanto queer. Nesse contexto, a performance emerge como um espaço de afirmação e resistência, onde a arte se entrelaça de maneira indissociável com a luta política e social. Assim, as expressões artísticas afro-queer não apenas contestam normas culturais dominantes, mas também reimaginam e reinventam narrativas, promovendo um diálogo crítico em torno da intersecção entre raça, gênero e sexualidade.

PALAVRAS EM MOVIMENTO: A POÉTICA AFRO-QUEER NO SOM E NO CORPO

A arte afro-queer se revela como um campo vibrante e multifacetado, onde músicos, poetas e artistas visuais utilizam suas vozes e corpos como instrumentos de resistência e empoderamento. Através da música, da poesia e das artes visuais, esses artistas desafiam normas sociais, questionam estereótipos e articulam a complexidade das experiências afro-queer. Nesta seção, exploraremos as expressões artísticas de Linn



da Quebrada, Bia Ferreira, Mel Leão, Sônia e Dóstenes, utilizando como suas obras refletem e amplificam a luta contra a marginalização.

Ritmos como resposta, sons que rompem normas: Linn da Quebrada

Linn da Quebrada é uma artista multifacetada que se destaca na interseção entre música, performance e ativismo. Suas letras audaciosas abordam temas como identidade de gênero, sexualidade e negritude, questionando normas sociais estabelecidas. No documentário *Bixa Travesty* (2018), a narrativa de Linn é apresentada não apenas como uma história pessoal, mas como uma representação das vivências de muitas pessoas que se encontram à margem da sociedade. O corpo de Linn, exposto e celebrado, torna-se um símbolo de resistência, um grito contra as violências que permeiam a vida das pessoas negras e queer.

O documentário, ao capturar suas performances explosivas e provocativas, revela como a arte pode servir como um espaço de empoderamento. A música de Linn, marcada por ritmos vibrantes e letras contundentes, desafia a heteronormatividade e proporciona um espaço seguro para a afirmação da identidade afro-queer. Cada apresentação de Linn é um ato de subversão, onde a performance se transforma em uma celebração da diversidade e uma negação das normas opressivas que tentam silenciar essas vozes.

Bixa Travesty se destaca como uma peça fundamental na discussão da marginalização e resistência afro-queer, apresentando um retrato autêntico da vida de Linn da Quebrada. O documentário, ao explorar as complexidades da identidade e da performatividade, revela as camadas de opressão que afetam as pessoas negras queer. Através de suas performances, Linn provoca um diálogo sobre a intersecção entre raça, gênero e sexualidade, demonstrando como esses fatores se entrelaçam nas vivências cotidianas.

Além de ser um meio de expressão pessoal, *Bixa Travesty* também serve como uma plataforma para discutir questões sociais urgentes. Através da arte, Linn não apenas se reivindica, mas também convida o público a refletir sobre suas próprias concepções de identidade e pertencimento. O documentário transforma a dor da marginalização em uma narrativa de empoderamento, destacando a importância da arte como ferramenta de resistência e transformação.



Bia Ferreira, por sua vez, traz uma nova dimensão à música afro-queer ao articular temas de racismo, LGBTQIA+fobia e injustiças sociais em suas composições. Em sua autointitulada "música de mulher preta", Bia utiliza sua plataforma para denunciar desigualdades e promover a conscientização. Sua música não é apenas uma forma de expressão artística, mas também um ato político que busca dismantlar as estruturas de opressão.

Através de letras contundentes e poéticas, Bia Ferreira transforma a dor em luta e resistência. Suas canções abordam a interseccionalidade de maneira a ressoar profundamente com suas ouvintes, oferecendo uma voz para aquelas que muitas vezes são silenciadas. Ao fazer isso, Bia cria um espaço onde a música se torna um veículo de transformação social, evidenciando as vivências da população negra e queer.

Versos à margem e a palavra como resistência: Mel Duarte

Mel Duarte, poetisa e slammer, é uma das principais vozes da poesia marginal brasileira, trazendo à tona as vivências de mulheres negras e queer. Sua obra é uma afirmação poderosa da identidade afro-queer, utilizando a linguagem poética como um meio de resistência. Mel cria novos espaços de expressão que desafiam normas sociais e culturais, transformando a dor em arte.

A poesia de Mel Duarte é repleta de imagens evocativas e emoções intensas. Ela utiliza sua voz não apenas para contar sua própria história, mas também para amplificar as vozes de outras mulheres que enfrentam discriminação e violência. Através de seus versos, Mel articula a interseccionalidade de raça, gênero e sexualidade, revelando as complexidades das experiências afro-queer e a importância de se fazer ouvir.

Na obra de Mel Duarte, a linguagem se torna um ato de rebeldia, desafiando as estruturas opressivas que tentam silenciar as vozes marginalizadas. Suas poesias abordam temas de amor, dor, resistência e empoderamento, construindo uma narrativa que reflete a luta cotidiana das pessoas negras queer. Cada poema é uma convocação à ação, um chamado para que suas ouvintes se levantem e reivindiquem seus espaços.

Através de sua arte, Mel Duarte não apenas expressa sua identidade, mas também cria um espaço de pertencimento e solidariedade entre mulheres negras. Sua



Corpos em performance: Jota Mombaça

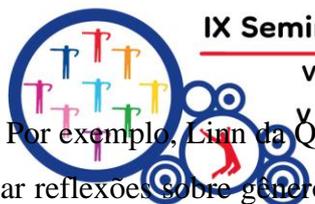
Jota Mombaça é uma artista visual e escritora que explora questões de raça, gênero, violência e decolonialidade em suas performances. Mombaça utiliza seus corpos racializados e queer como ferramentas de resistência e subversão, desafiando as normas coloniais e heteronormativas que moldam as experiências de vida das pessoas afro-queer. Suas performances provocam um questionamento profundo sobre o que significa existir na interseção dessas identidades, revelando as feridas visíveis e invisíveis que marcam essa vivência.

A obra de Jota Mombaça convida o público a refletir sobre a complexidade da identidade afro-queer, utilizando a arte como um espaço de reflexão e diálogo. Suas performances são intensas e impactantes, capturando a atenção e desafiando o espectador a confrontar suas próprias concepções de raça e gênero. Assim, a arte se torna um campo de batalha onde a resistência se manifesta de diversas formas, criando novas possibilidades de ser e existir.

DE(S)COLONIZANDO NORMAS, CORPOS E IDENTIDADES

As expressões artísticas afro-queer emergem como poderosas ferramentas de resistência e transformação social, desafiando normas heteronormativas e coloniais que historicamente marginalizaram identidades não conformistas. Artistas como Linn da Quebrada, Bia Ferreira, Mel Duarte e Jota Mombaça não apenas questionam as expectativas impostas pela sociedade, mas também reivindicam o direito de existir plenamente em suas identidades multifacetadas. Nesse sentido, a arte se configura como uma forma de rebeldia, onde cada apresentação não é apenas uma performance, mas um manifesto vibrante que afirma a diversidade e a riqueza das experiências afro-queer.

A subversão manifesta-se de várias maneiras nas obras dessas artistas, desde a desconstrução de estereótipos raciais até a afirmação de sexualidades diversas, desafiando um sistema que frequentemente busca silenciar suas vozes. O corpo, nesse contexto, torna-se um instrumento de resistência que contesta as correntes opressivas.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Por exemplo, Linn da Quebra Bruta utiliza suas performances para chocar e provocar reflexões sobre gênero e sexualidade, quebrando barreiras e estigmas. Através de sua música e imagem, ela celebra a diversidade da experiência humana, promovendo um espaço onde a pluralidade é valorizada.

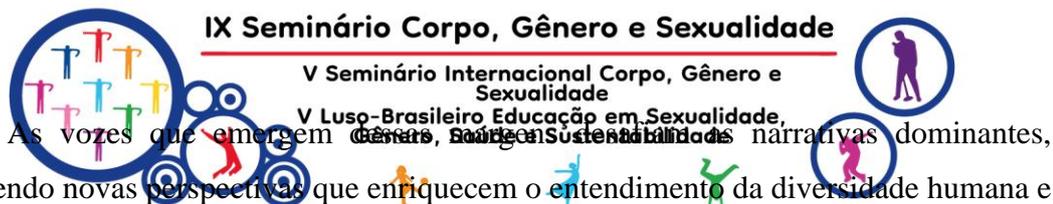
Além disso, Bia Ferreira, em suas letras, não apenas discute questões de racismo e LGBTQIA+fobia, mas também abre um diálogo sobre interseccionalidade, mostrando como diferentes formas de opressão se entrelaçam (Crenshaw, 1989). Ao fazer isso, ela não só ressignifica a música popular, mas também convida os ouvintes a refletirem sobre suas próprias experiências e preconceitos, provocando um efeito transformador na audiência.

O corpo afro-queer se apresenta como um território de resistência e empoderamento, onde a sexualidade não é apenas uma característica, mas um meio de expressão que desafia o status quo. Artistas como Mel Duarte utilizam a poesia e o slam para comunicar mensagens que vão além da representação superficial, desafiando não apenas as normas sociais, mas também as narrativas históricas que buscam silenciar as vozes das mulheres negras e queer.

A linguagem do corpo nas artes afro-queer se desdobra em diversas formas — da dança à performance, passando pela poesia e música. Cada ato performático se transforma em uma declaração de que o corpo não é apenas um objeto de desejo, mas um espaço sagrado onde se desvela a complexidade da identidade. Ao transformar a sexualidade em arte, essas artistas não apenas celebram sua identidade, mas também oferecem novos paradigmas de empoderamento e autoafirmação.

Nesse sentido, Jota Mombaça, através de suas performances visuais e escritas, desafia as convenções de gênero e raça, utilizando seu corpo como um meio para expressar a resistência e a dor de comunidades marginalizadas. Suas obras provocam discussões profundas sobre a violência e a opressão enfrentadas por corpos racializados e queer, transformando suas experiências pessoais em uma narrativa coletiva que ressoa com muitas outras vozes.

As expressões artísticas afro-queer estão intrinsecamente ligadas ao conceito de "estéticas da margem", conforme articulado por bell hooks, onde as periferias não são meramente locais de marginalização, mas sim centros vibrantes de produção de saberes e resistências (hooks, 2019).



As vozes que emergem desses cenários, narrativas dominantes, oferecendo novas perspectivas que enriquecem o entendimento da diversidade humana e questionam a estrutura hierárquica da cultura. Nesse cenário, as artistas afro-queer não apenas contestam a hegemonia cultural, mas também geram um conhecimento que brota de suas experiências únicas.

Cada performance e cada obra revelam a interseção de opressões e a celebração das conquistas, funcionando como um espaço de resistência que não apenas ilumina as injustiças, mas também honra a resiliência das comunidades.

A arte afro-queer, portanto, se torna um meio vital de resistência que transcende a mera representação; é um espaço de diálogo e reflexão que desafia a hierarquia de saberes. Ao dar voz a narrativas que muitas vezes são silenciadas, essas artistas não apenas ampliam a compreensão das identidades afro-queer, mas também criam novas possibilidades de pertencimento e autoafirmação em um mundo que frequentemente busca marginalizar suas existências.

O diálogo interseccional, conforme abordado por González (2020), ressalta como raça, classe, gênero e sexualidade se entrelaçam nas experiências das artistas afro-queer, permitindo que suas vozes ressoem de maneira autêntica e significativa. A discussão em torno das expressões artísticas afro-queer revela a importância da subversão de normas dominantes, do corpo como território de resistência e das estéticas da margem como formas de criação de saberes subversivos.

Artistas como Linn da Quebrada, Bia Ferreira, Mel Duarte e Jota Mombaça nos convidam a repensar nossas concepções de identidade e pertencimento, ampliando os horizontes do que significa ser afro-queer. A arte não é apenas uma forma de expressão, mas uma poderosa ferramenta de transformação social que desafia a marginalização e celebra a diversidade em todas as suas formas.

CANTOS DE RESISTÊNCIA AFRO-QUEER

As expressões artísticas afro-queer desempenham um papel fundamental na redefinição e na reconfiguração das narrativas sobre identidade, raça e sexualidade, promovendo uma rica poética que emerge das margens. Este artigo destacou como artistas como Linn da Quebrada, Mel Duarte, Bia Ferreira e Jota Mombaça não apenas desafiam normas sociais estabelecidas, mas também criam novos espaços para a

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Raça e Sustentabilidade

valorização de identidades plurais. Suas performances, obras e manifestações artísticas, elas oferecem um canto de resistência que ecoa profundamente nas comunidades afro-queer, ressaltando a importância da inclusão e da diversidade nas artes.

Essas expressões artísticas têm um impacto significativo na construção de novas subjetividades, permitindo que indivíduos se reconheçam e se afirmem em sua complexidade. Ao celebrar a diversidade da experiência humana, a arte afro-queer desafia as narrativas hegemônicas e propõe novas formas de resistência que não apenas se opõem à opressão, mas também criam espaços de empoderamento e visibilidade.

Através da arte, novas vozes emergem, promovendo diálogos que enriquecem as discussões sobre gênero, raça e sexualidade, desafiando as limitações impostas pela sociedade e ampliando a compreensão do que significa ser afro-queer.

Além do impacto nas artes, a poética afro-queer possui o potencial de influenciar outros campos, como a educação e as políticas culturais.

Ao integrar a arte afro-queer nas práticas pedagógicas, por exemplo, é possível promover uma educação mais inclusiva e crítica que valorize a diversidade de experiências. O reconhecimento das expressões afro-queer nas políticas culturais pode não apenas garantir espaço e visibilidade para essas vozes, mas também fomentar um ambiente onde a diversidade é celebrada e respeitada.

Dessa forma, a arte afro-queer se torna um poderoso agente de transformação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde todas as identidades são reconhecidas e valorizadas.

Para pesquisas futuras, sugere-se a exploração mais aprofundada das intersecções entre a arte afro-queer e outras disciplinas, como a psicologia e a sociologia, para entender melhor como essas expressões artísticas podem impactar o bem-estar emocional e social das comunidades.

Além disso, investigações sobre a recepção e o impacto dessas obras em diferentes contextos culturais e geográficos podem fornecer uma visão mais abrangente sobre a influência da arte afro-queer. Estudos que examinem a relação entre as novas tecnologias e as práticas artísticas afro-queer, especialmente no que diz respeito à disseminação e à acessibilidade, também são áreas promissoras que merecem atenção.

Assim, o canto de resistência afro-queer reverbera não apenas nas comunidades diretamente afetadas, mas também ressoa em toda a sociedade, desafiando-nos a

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

repensar nossas percepções sobre gênero, saúde e sustentabilidade. O impacto dessas expressões artísticas é um convite à reflexão e à ação, instigando um movimento contínuo em direção à inclusão e à valorização da diversidade em todas as suas formas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo: Editora Vozes, 2003.

CRENSHAW, Kimberlé. “Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”. *The University of Chicago Legal Forum*, n. 140, p. 139-167, 1989.

DUARTE, Mel. *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Editora Planeta, 2019.

GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HILL COLLINS, Patricia. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política de empoderamento*. São Paulo: Editora Bazar do Tempo, 2000.

hooks, bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo*. Tradução: Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução: Ana Luiza Libâneo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LINN DA QUEBRADA. *Bixa Travesty*. Documentário, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UUIkaEHFHRw>. Acesso em: 16 set. 2024.

MOMBAÇA, Jota. *Corpo-colônia*. Ação performática realizada na ocasião do seminário “Que pode um Korpo?”, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil, 2013.

MOMBAÇA, Jota. *Dor, Dívida, Dilema: O que significa descolonizar*. Conferência na Praia do Homem do Leme, Porto, Portugal, 2018.